



Presidente do Lloyds quer parte da dívida paga para voltar a financiar

► Jeremy Morse: acerto reabrirá crédito

SÃO PAULO — Ao se dizer mais otimista com o Brasil do que na sua última visita, em 1988, o Presidente do Lloyds Bank, Sir Jeremy Morse, elogiou ontem as metas de privatização e abertura ao mercado internacional do Governo Collor e demonstrou esperança de que dentro de dois meses o País chegue a uma proposta definitiva na negociação com os seus 400 bancos estrangeiros credores. Ele afirmou que, infelizmente, o Brasil está atrasado nesse entendimento em relação a outros países latino-americanos, o que resultou nos últimos anos em US\$ 10 bilhões de juros atrasados (US\$ 8,5 bilhões com os bancos e US\$ 1,5 bilhão com os Governos participantes do Clube de Paris).

— E necessário que parte da dívida seja quitada para que as linhas de crédito sejam retomadas — ressaltou Morse.

Ele disse que não está no Brasil para negociar a dívida, mas para ouvir empresários, banqueiros e representantes do Governo e fazer posteriormente

uma avaliação da situação. Sobre seu encontro com Ibrahim Eris, Presidente do Banco Central, Morse afirmou que o Governo está demonstrando determinação nos seus projetos, prometendo privatizar cinco a dez estatais até o final do ano.

— Sabemos que pode haver dificuldades com o Congresso. A reforma do setor público leva tempo — disse ele.

Quanto à possibilidade de o Governo propor a conversão da dívida em bônus de 45 anos, Morse disse que nenhum banco credor aceitaria tal medida. Ele demonstrou pouca disposição em aceitar títulos de empresas privatizadas: “nosso ramo é o bancário”. Ele comentou ainda a proposta do Governo brasileiro ao Clube de Paris, para eliminação de 50% de sua dívida, como ocorreu com a Polônia.

— Ficamos sabendo que a Ministra Zélia pediu tal coisa. Mas é bom lembrar que o próprio Brasil cancelou metade da dívida que a Polônia tinha com ele.